

R ESENHA

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. Como as democracias morrem. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. 272 p. ISBN - 13: 978-8537818008.

Anderlany Aragão dos Santos

Doutoranda em Desenvolvimento Sustentável na Universidade de Brasília, mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente e cientista ambiental. ID ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9489-6383>.

Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, ambos professores na Faculdade de Governo e Ciências Políticas da Harvard University, escreveram uma fluida e essencial obra sobre o cenário político global atual. Os autores, especialistas em democratização, partidos políticos e colapsos democráticos, reuniram em *Como as democracias morrem* aspectos que caracterizam cenários de derrocada de regimes democráticos. A vigente ascensão de tais cenários e a conseqüente necessidade de compreendê-los tornam esta obra essencial. A fluidez é justificada pela forma didática de tratamento dos assuntos, que certamente não são facilmente compreensíveis. Assim, mesmo para quem não entende o denso espectro dos temas políticos, o texto não é cansativo, tampouco complicado. Levitsky e Ziblatt trazem esses assuntos acompanhados de metáforas e analogias que facilitam a assimilação. Ao retornarem constantemente aos casos narrados de líderes autoritários, os autores oferecem um panorama geral sobre os regimes tratados, mesmo que os leitores não sejam familiarizados com os governos analisados.

O prefácio da edição brasileira, escrito pelo cientista político Jairo Cesar Marconi Nicolau, não só contextualiza a obra historicamente – relatando o fracasso da democratização dos países que promoveram a Primavera Árabe e a reversão de experiências democratizadoras africanas, asiáticas e do Leste Europeu – mas também a aproxima do contexto brasileiro. Neste sentido, Nicolau coloca que o país atravessa, desde 2013, um período turbulento, embora não chegue a mencionar a ascensão do atual presidente, Jair Bolsonaro. Esta leitura coube ao próprio Levitsky que, em visita ao Brasil durante o período eleitoral, afirmou que Bolsonaro é uma figura autoritária que pode comprometer a democracia (BULLA, 2018; FERRAZ, 2018; FRABASILE, 2018).

Apesar da breve análise de Levitsky durante a sua visita, o caso brasileiro não é abordado no livro, que tem como principal objeto de análise as instituições democráticas norte-americanas. Esta escolha é fundamentada por dois pontos: a histórica influência dos Estados Unidos da América (EUA) sobre os processos políticos de outras nações (LAW; VERSTEEG, 2012) e a ascensão política de Donald Trump, que os autores colocam como um líder potencialmente autoritário.

Assumindo, portanto, o risco de colapso da democracia norte-americana em virtude da eleição de um governo impositivo, Levitsky e Ziblatt buscam, logo no primeiro capítulo, diagnosticar padrões comportamentais desses líderes avessos à democracia, identificando quatro sinais de alerta: 1) rejeição às regras democráticas (buscam minar a legitimidade das eleições ou da Constituição, por exemplo); 2) negação da legitimidade dos oponentes políticos (descrevem seus oponentes como criminosos ou ameaças à ordem existente); 3) tolerância e encorajamento à violência (têm laços com milícias, guerrilhas e forças paramilitares e/ou elogiam a violência política ocorrida no passado ou em outros países); e 4) disposição a restringir liberdades civis de opositores (defendem leis de calúnia e difamação e/ou leis que limitem protestos ou críticas ao governo).

Nos quatro capítulos seguintes, os autores trazem exemplos de líderes políticos de vários países, os quais atendem aos padrões levantados pelo supracitado *checklist*. Explicam, portanto, a derrocada democrática em países como Bélgica, Finlândia, Chile e Venezuela a partir da ascensão de demagogos por vias constitucionais. Desta forma, o esforço dos autores focaliza a desvinculação da democracia da ordem constitucional, tema tratado na obra *Competitive Authoritarianism: Hybrid Regimes after the Cold War* (LEVITSKY; WAY, 2010). A tese colocada nesse livro – e resgatada em *Como as democracias morrem* – é a de que, desde o fim da Guerra Fria, a instituição de regimes autoritários ocorre por vias democráticas.

Os últimos capítulos abordam o primeiro ano do governo Trump e a desintegração de normas democráticas, a qual permitiu a tentativa ou ascensão ao poder de *outsiders* que desafiam a continuidade do regime democrático. Os autores destacam, aqui, o papel das instituições informais na prevenção desse cenário. Enfatizam a importância de pilares democráticos, como a tolerância mútua entre os adversários políticos e a reserva institucional, que

seria uma “subutilização do poder”, ou seja, evitar ações que, mesmo dentro da lei, extrapolem os limites da civilidade e do “jogo limpo democrático”.

A aplicação das regras informais já havia sido abordada por Levitsky na obra *Informal Institutions and Democracy: Lessons from Latin America* (2006). Embora trate do caso latino-americano, o robusto campo conceitual sobre essas questões permite compreender também a realidade norte-americana.

Importante notar que a classe trabalhadora aparece na obra como coadjuvante. Isso acontece porque a verdadeira proteção contra candidatos autoritários não é dada pelo comprometimento da população com os regimes democráticos, mas pelos “guardiões da democracia”: os partidos e elites políticas. Cabe, portanto, a tais guardiões o esforço orquestrado de isolar e derrotar potenciais demagogos através da construção de uma frente única de oposição. Inclusive sistemas “demasiadamente democráticos” estão sujeitos à derrocada democrática, pois os líderes autoritários são populistas, figuras *anti-establishment*. Estes alegam representar “a voz do povo”, porém ao chegarem ao poder tornam-se tiranos e subvertem a liberdade de repúblicas democráticas.

Para os autores foi, justamente, a influência dos cidadãos comuns na ascensão de Trump que possibilitou a sua candidatura, mesmo sem o apoio do *establishment* político. As elites políticas norte-americanas, portanto, perderam a sua função de guardiãs democráticas, o que abriu precedente para eleição de um candidato potencialmente autoritário.

Ainda que Levitsky e Ziblatt sejam extremamente críticos do governo Trump, seu livro tem o mérito de não restringir a análise a um viés ideológico. Deste modo, citam exemplos de líderes autoritários progressistas e conservadores, pois focam suas críticas essencialmente nas características antidemocráticas desses políticos. É necessário enfatizar também as sólidas análises, claramente fundamentadas por extensas pesquisas e reflexões, que justificam as 59 páginas que compõem a farta sessão de notas no fim do livro.

No entanto, as numerosas qualidades da obra de Levitsky e Ziblatt são acompanhadas por alguns problemas pontuais. Primeiro, para fazer comparações com a democracia estadunidense, os autores trabalham com exemplos de derrocadas democráticas de países que tinham e têm tal regime menos consolidado que o caso norte-americano, como Rússia, Turquia e

Bélgica na década de 1930, ou o Chile dos anos 1970. Um segundo problema a ser apontado é que muitos exemplos usados pelos autores são de países que têm corrupção endêmica como uma forte característica dos seus processos políticos, algo que, embora afete a democracia devido à falta de transparência, não é amplamente abordado por Levitsky e Ziblatt.

O terceiro problema do texto é que os autores justificam a polarização política norte-americana dando um papel central à inclusão de minorias defendidas historicamente pelo Partido Democrata. Isso tornou o partido representante de liberais (na concepção norte-americana) e minorias e o distanciou dos brancos conservadores que compõem a base de massa do Partido Republicano. Entretanto, além de tal divisão já ser perceptível nos anos 1990, os autores não trazem para o centro dessa discussão elementos importantes que também contribuíram para a polarização política característica do cenário da eleição de Trump, como as mídias sociais.

No entanto, os problemas destacados não afetam a importância da obra, tampouco a sua ideia central (o enfraquecimento das instituições formais e informais na derrocada democrática). Esta se constitui, portanto, em um texto com debates essenciais frente ao cenário político atual. A leitura é recomendada a todos que buscam compreender a relevância do sistema democrático, os riscos que ele enfrenta e as consequências de seu declínio. Levitsky e Ziblatt, ao escreverem de forma simples, expandem o tema para não especialistas sem, contudo, perder profundidade, o que faz com que *Como as democracias morrem* seja importante também para os especialistas em política, ciências sociais e afins.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BULLA, B. “Eleger presidente autoritário é risco à democracia”, afirma professor de Harvard. O Estado de São Paulo, São Paulo, 23 jul. 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,eleger-presidente-autoritario-e-risco-a-democracia-avalia-professor-de-harvard,70002411332>. Acesso em: 30 mai. 2019.
2. FERRAZ, R. Steven Levitsky: por que este professor de Harvard acredita que a democracia brasileira está em risco. BBC News Brasil, São Paulo, 19 out. 2018.

Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45829323>. Acesso em: 30 mai. 2019.

3. FRABASILE, D. Como a polarização ameaça a democracia brasileira, segundo Steven Levitsky. *Época Negócios*, 23 out. 2018. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2018/10/como-polarizacao-ameaca-democracia-brasileira-segundo-steven-levitsky.html>. Acesso em: 30 mai. 2019.
4. LAW, D. S.; VERSTEEG, M. The Declining Influence of the United States Constitution. *New York University Review*, v.87, 2012. Disponível em: https://www.nyulawreview.org/wp-content/uploads/2018/08/NYULawReview-87-3-Law-Versteeg_0.pdf. Acesso em: 25 mai. 2019.

Recebido em 01 de julho de 2019

Aceito em 18 de agosto de 2019
